

I

Sou forçado a falar porque os homens da ciência se recusaram a seguir os meus conselhos sem eu entender sequer porquê¹. É completamente contra a minha vontade que passo a expor as razões pelas quais me oponho a esta programada invasão da Antártida — com o seu vasto mundo de fósseis aberto aos caçadores da especialidade, e o seu contínuo e lento derreter da veneranda calote de gelo — e sinto-me ainda mais relutante porque sei que este meu aviso pode ser lançado em vão. É inevitável que se levantem dúvidas quanto aos factos reais, tenho em conta a forma como devo revelá-los; e, no entanto, se eu os suprimisse, não me restaria qualquer outro argumento dissuasivo. As imagens até hoje reservadas, tanto normais como aéreas, contarão sem dúvida a meu favor, pois que são ferreamente vívidas e gráficas. Mesmo assim, sei que serão questionadas em consequência das grandes distâncias que a falsificação fotográfica consegue cobrir nos nossos dias. É claro que os desenhos a tinta serão escarnecidos como imposturas óbvias, muito embora possuam uma estranheza de técnica que deveria alertar e inquietar os peritos da arte.

No final, terei de confiar no julgamento e tomada de posição dos poucos líderes científicos que têm, por um lado, suficiente independência de raciocínio para agarrarem nos meus dados e os analisarem estritamente à luz dos seus méritos horrorosamente convincentes, ou então para os considerarem seriamente à luz de alguns ciclos de mitos primordiais e completamente desarmantes; e que, por outro lado, têm suficiente influência para conseguirem evitar que se desencadeie uma verdadeira febre de explorações e invasões e progra-

mas desmesuradamente ambiciosos na região daquelas montanhas da loucura. É um facto desafortunado que homens substancialmente obscuros, como eu próprio e a minha equipa, integrados apenas numa universidade pequena, tenham poucas possibilidades de causar impacto, ou mesmo de serem ouvidos, numa situação em que estejam em causa matérias de natureza selvaticamente estranha ou extremamente controversa.

Também acabou por jogar contra nós não sermos, no sentido estrito, especialistas nas áreas que acabaram por constituir o núcleo principal. Enquanto geólogo, o meu objectivo quando liderei a Expedição da Universidade de Miskatonic era inteiramente o de recolher amostras do subsolo rochoso e arenoso das várias partes da Antárctida, com a ajuda da escavadora notável concebida pelo Prof. Frank H. Pabodie, do nosso Departamento de Engenharia. Não sentia qualquer desejo de ser pioneiro em qualquer outro campo que não fosse este; mas tinha esperança de, com o uso desta nova arma mecânica em pontos diferentes ao longo de trilhos previamente definidos, conseguir trazer à luz do dia materiais de um tipo até então inatingível pelos meios de colheita comuns. A perfuradora de Pabodie, como o público hoje já sabe através das nossas publicações, era única e radical na sua leveza, portabilidade e capacidade de combinar o método de escavação artesiano clássico com o princípio de escavação em pequenos círculos nas rochas, de tal maneira que conseguia lidar sem alterações de movimento com estratos sucessivos de densidade e dureza diferentes. A cabeça de aço, o motor a gasolina, o eixo removível de madeira, o mecanismo de acionamento da dinamite, todo o sistema de cabos, a peça associada destinada a remover os detritos e a tubagem desmontável para os furos de cinco polegadas de largura a mil pés de profundidade — tudo isso, e mais uma série de acessórios indispensáveis, era uma carga que cabia em três trenós de sete cães. O segredo desta leveza estava no grande teor em alumínio utilizado para a maioria das peças metálicas. Quatro aviões *Dornier*, especialmente concebidos a pensar nas grandes altitudes de voo impostas pelo imenso planalto da Antárctida, também eles retocados por Pabodie para terem sistemas de aquecimento de combustível e capacidade de arranque rápido, conseguiam transportar a nossa expedição inteira de uma

base no limite da grande barreira de gelo até vários pontos de interesse mais para o interior; e, daí em diante, recorreríamos aos trenós e aos cães.

Tínhamos planeado explorar uma área tão vasta quanto nos fosse permitido pelo Verão da Antártida — ou mesmo mais, em caso de necessidade — com ênfase especial nas montanhas e no planalto a sul do mar de Ross, ou seja, o território já antes percorrido, pelo menos até certo ponto, por Shackleton, Amundsen, Scott e Byrd. Com as mudanças frequentes de acampamento que os aviões nos permitiam, e abrangendo agora distâncias mais significativas do ponto de vista geológico, esperávamos extrair do solo uma grande quantidade de material ainda nunca estudado; nomeadamente o da camada pré-câmbrica, do qual só se conhecem amostras muito escassas. Outro ponto importante seria recolher a maior quantidade possível de rochas fósseis da camada superior, já que a história da vida primitiva neste domínio branco do gelo e da morte tem uma importância inigualável para o nosso entendimento do passado da Terra. Como toda a gente sabe, a Antártida foi em tempos temperada, ou mesmo tropical; e nessa altura conheceu uma grande exuberância tanto de vegetação como de vida animal, das quais sobreviveram os líquenes, a fauna marinha, os aracnídeos e os pinguins da costa norte. Tínhamos em mente tornar todos estes conhecimentos mais amplos e rigorosos. Quando uma perfuração simples revelasse a existência significativa de fósseis, passaríamos a alargar a amplitude do furo para extrair amostras com o tamanho e as condições ideais.

Estas nossas perfurações, que, conforme vos disse, seriam de profundidade variável conforme a importância das camadas superiores do solo ou das rochas, iriam limitar-se às superfícies expostas ou semiexpostas, ou seja, às encostas e aos cumes; uma vez que, nas planícies mais baixas, a espessura da camada de gelo sólido é de mil ou dois mil pés. Não íamos perder tempo a abrir furos nessa calote de água pura, embora Pabodie tivesse elaborado um plano que visava introduzir eléctrodos de cobre e derreter pequenas extensões de gelo através de uma corrente eléctrica gerada por um dínamo operado a gasolina. É esse o projecto — a que, numa expedição como a nossa, só recorreríamos a título absolutamente expe-

rimental — que a futura expedição Starkweather-Moore se propõe levar a cabo, ignorando todos os avisos que tenho feito desde que voltámos da Antártida.

O público conhece a Expedição da Universidade de Miskatonic pelas reportagens frequentes que enviámos via rádio para o *Arkham Advertiser* e para a Associated Press, e de artigos posteriores assinados por Pabodie e por mim. Éramos quatro professores universitários: Pabodie, Lake (do Departamento de Biologia), Atwood (do Departamento de Física e de Meteorologia) e eu próprio, chefe das operações e responsável pelas questões geológicas. Tínhamos dezasseis assistentes: sete doutorandos da Miskatonic e nove mecânicos com muita experiência. Entre os dezasseis contavam-se doze bons pilotos, e só dois é que não eram bons operadores de rádio. Oito deles, tal como Atwood, Pabodie e eu, sabiam navegar com bússola e sextante. Além de tudo isto, os nossos dois barcos, antigos navios baleeiros de madeira preparados para a navegação no gelo e equipados com um sistema auxiliar a vapor, contavam com as suas próprias tripulações.

A Fundação Nathaniel Derby Pickman, com o apoio adicional de fundos especiais, financiava a expedição; fizemos os preparativos com extremos de cuidado, mas com pouca publicidade. Os cães, os trenós, as máquinas, os apetrechos de campismo, as peças para a montagem dos aviões, foi tudo embarcado em Boston. Equipámo-nos perfeitamente para cada uma das nossas missões específicas; e, no respeitante a provisões, regime alimentar, forma de transporte e modelo de construção de acampamentos, seguimos o excelente exemplo dos nossos predecessores ilustres. Aliás, foram certamente o grande número e também a grande fama de tais predecessores que fizeram com que os primeiros passos da nossa expedição passassem despercebidos no mundo inteiro.

Conforme noticiaram os jornais, saímos de Boston no dia 2 de Setembro de 1930, descemos sem novidade ao longo da costa, atravessámos o canal do Panamá, fizemos escala em Samoa e Hobart, na Tasmânia, onde nos abastecemos com as nossas últimas provisões. Nenhum dos membros da equipa tinha visitado antes as regiões polares, pelo que os nossos guias eram os comandantes dos barcos: J. B. Douglas, comandante do brigue *Arkham* e da expedição

por mar, e Georg Thorfinnssen, comandante da barcaça *Miskatonic*, ambos antigos pescadores de baleias nas águas da Antártida.

Depois de termos deixado para trás o mundo habitado, o Sol começou a pôr-se cada vez mais para Norte e a ficar em cada dia menos tempo no horizonte. Por volta dos 62° de latitude sul, encontramos os nossos primeiros icebergues — caixotes enormes, de faces verticais — e, antes de entrarmos no Círculo Polar Antártico, que cruzámos com a devida reverência no dia 20 de Outubro, o gelo inflingiu-nos o nosso primeiro revés. A descida da temperatura, depois da longa travessia dos trópicos, fez-me bastante mal; mas tentei dominar-me e preparar-me para o que estaria para vir. Em certos momentos, os fenómenos atmosféricos despertaram em mim uma curiosidade deveras agradável; recorde, entre outros, a miragem claríssima — a primeira vez que nos foi dado vê-la — em que os montes de gelo distantes me apareceram transformados em ameias de castelos cósmicos inimagináveis.

Depois de atravessarmos o mar gelado, felizmente pouco extenso e de gelo ainda pouco denso, alcançámos de novo o oceano aberto aos 67° de latitude Sul e 175° de longitude Este. Na manhã do dia 26 de Outubro, surgiu-nos a sul uma extensão considerável de terra; e, antes do meio-dia, já exultávamos ao vermos aparecer uma cadeia montanhosa imensa, coberta de neve, que tapava todo o horizonte. Estávamos finalmente a contemplar uma das pontas de um grande continente desconhecido, o mundo misterioso da morte gelada. Aqueles cumes só podia ser a cordilheira Amiralty, descoberta por Ross, pelo que a nossa missão consistiria agora em ladear o cabo Adare, descer ao longo da costa da Terra de Vitória e alcançar a nossa primeira base prevista, nas praias do estreito de McMurdo, no sopé do vulcão Erebo, a 77° e 9' de latitude Sul.

Esta última etapa da viagem foi absolutamente deslumbrante: os cumes misteriosos multiplicavam-se sem cessar em direcção a oeste, quando o Sol do meio-dia, muito baixo no Norte, ou o Sol da meia-noite, no Sul, varriam com os seus raios vermelhos a neve branca, o gelo azulado, as avenidas aquáticas e as manchas negras do granito deixado a descoberto. Sopravam através dos cumes desolados rajadas intermitentes de um vento antártico terrível, em cujas cadências se escutavam por vezes sugestões musicais